

07. CARNE



Ficha Técnica

Direção: Camila Kater

Produção: Doctela e Abano Producción

Gênero: Documentário

Duração: 12 minutos

País: Brasil

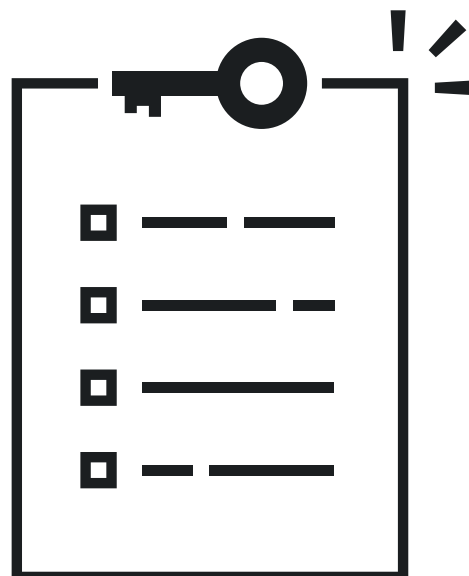
Ano: 2021

Sinopse

Crua, Mal Passada, Ao Ponto, Passada e Bem Passada. Cinco mulheres compartilham experiências íntimas e pessoais sobre sua relação com o próprio corpo desde a infância até a terceira idade.

PALAVRAS-CHAVES

- Mulheres
- Objetificação do corpo feminino
- Padrões corporais
- Gordofobia
- Menstruação
- Sexualidade
- Menopausa



Contextualização

“Talvez as mulheres sejam o único grupo que se torna mais radical com a idade”

Gloria Steinem

Carne provoca, já no título, uma série de possibilidades de leituras das quais apresenta cinco: crua, mal passada, ao ponto, passada e bem passada. A estética da animação, única em cada uma dessas fases, oferece um espetáculo à parte. Em cada depoimento se estabelece uma relação direta entre o corpo feminino, desde a sua juventude até a maturidade, e as texturas que o alimento carne adquire a depender do tempo de cozimento a que seja exposto. É a objetificação do corpo feminino.

A CARNE CRUA pode ser avaliada, comprada, preparada e consumida de várias formas atendendo aos anseios do paladar social, contudo, ainda deixa um gosto amargo no corpo da vitrine. Muitas mulheres do século XXI já não aceitam esse estereótipo, tampouco o estabelecimento de padrões corporais irrealis e comportamentos castradores.

Rachel sempre foi uma criança gorda, e na escola isso não era relevante. Foi lá que ela aprendeu, em uma das aulas de atletismo, que o magro pode ser rápido, mas o gordo pode ser resistente. Seu professor disse que “a gente não pode ser bom em tudo; o Cidão corre muito rápido, mas a Rachel corre muito tempo”. Ela relata que essa experiência foi determinante para que se mantivesse inteira uma vez que, dentro de casa, era constantemente assediada pela mãe gordofóbica que a via como o próprio “atestado de fracasso enquanto nutricionista”.

O conceito de objetificação do corpo feminino foi cunhado por Laura Mulvey, uma crítica cinematográfica e feminista britânica que observou a “masculinização da posição do espectador, e da masculinidade como ponto-de-vista”, e como essa visão objetificada também é reproduzida pela mulher espectadora, ainda que inconscientemente. É exatamente esse olhar que a Rachel recebe de sua mãe, mulher rígida em seus conceitos estéticos e incapaz de enxergar a filha pelo que ela é, e não pelo corpo que ela tem. Para Raquel “a gordofobia é uma opressão dentro da estrutura da nossa sociedade que faz com que pessoas gordas sejam excluídas. Essas exclusões se dão por acessibilidade – pessoas gordas não têm o direito de ir, vir e permanecer – e patologização do corpo – porque é gordo, é um corpo doente”.

Ela percebe que “as pessoas enxergam o corpo gordo como um corpo transitório” e que para a sua mãe ela “não era gorda”, ela “ESTAVA gorda”.

Por sua vez a CARNE MAL PASSADA é aquela que por fora parece não estar crua ao mesmo tempo em que por dentro “consegue manter a estrutura original, mantendo grande parte do seu suco e o vermelho vivo”, o mesmo vermelho vivo que a menarca representa para o corpo feminino que, ainda em trânsito da infância para a adolescência, conserva internamente o cru da imaturidade.

O depoimento de Larissa Rahal aponta a insegurança e questionamentos de uma menina diante das mudanças internas que o seu corpo sofria e que ainda não ecoavam na sua aparência. Essa dissonância observada pela menina a levava a questionar a utilidade dessa modificação uma vez que não fazia sentido para ela o “amadurecer como mulher, sendo que EU SEI que eu tô menstruando, mas quem tá me olhando de fora não vai saber que eu já sou mulher também porque eu continuo com esse corpo de menina”.

Esse desconforto é amenizado, em parte, pela sensação de pertencimento que ela identifica quando sua amiga Bianca, com um corpo um pouco mais desenvolvido que o seu, se aproxima e diz “virei mocinha”. Em certa medida esse episódio chancela a sua entrada para a “gangue” das mocinhas.

O discurso de Larissa nos permite observar o luto experienciado “pelos adolescentes durante a fase de liminaridade do processo de ritual de passagem para a adolescência”, quando eles precisam aceitar a perda do corpo infantil, ao mesmo tempo em que precisam acolher as transformações corporais necessárias para essa nova fase da vida.

Quando menstruou Larissa levou um “tempinho” para contar o fato para sua mãe e diz não ter entendido a reação dela ao chorar, se emocionar e dar os parabéns à filha. Apesar da menina ter pedido discrição sobre a calcinha manchada, sua mãe fotografou. Posteriormente, “além de ter apagado as fotos, eu pensei que talvez seja um processo que pra ela seja mais difícil de aceitar do que pra mim”.

O depoimento de Larissa aponta para essa memória gregária, herança de nossos ancestrais primordiais, que nos impele tanto para a busca de aceitação e identidade com o grupo ao qual pertencemos, quanto para a necessidade de viver e caminhar junto a esse coletivo.

“O meu corpo é sempre uma questão... porque é isso, ter perna grossa, a bunda grande e ser negra, me parece que AUTOMATICAMENTE já é um corpo sensual”. Com essa frase Raquel Virgínia, uma mulher trans, negra e cantora inicia seu depoimento sobre como se sente objetificada. Seu corpo é a carne hipersexualizada e AO PONTO para ser consumida. Curioso observar a dicotomia que envolve o corpo da mulher negra: se por um lado ela sofre a invisibilidade e indesejabilidade – até bem pouco tempo os corpos que ocupavam as capas de revistas masculinas (ou não), e que tinham representação midiática constante e certa, eram os corpos de mulheres brancas com perfil eurocêntrico –, por outro lado há a interpretação de que o corpo da mulher negra tem uma beleza exótica e, exatamente por isso, um sabor diferente, mais apimentado (quem nunca ouviu dizer que a mulher negra tem a “cor do pecado” que atire o primeiro pincel!!).

Esse corpo gostoso serve para, no caso do Brasil, cartão postal desde a época da colonização. A diferença é que atualmente (atualmente??) ele é usado como propaganda de carnaval (vide Globeleza) e segue sendo largamente explorado pelas escolas de samba e turismo sexual. O corpo da mulher negra é aquele pedaço de carne que fica rodando exposto em todas as telas, mostrando suas curvas e tons, enquanto o mundo (macho?) segue salivando aos pés da vitrine.

Além de todos esses fatores, o curta também nos convida a reflexão sobre os desafios que a sociedade ainda impõe aos corpos de mulheres trans e os espaços permitidos a esses corpos. Apesar do movimento feminista ter conquistado muitos direitos para as mulheres, ele ainda comporta nichos com visões bem diferentes. Algumas mulheres têm dificuldade em aceitar as mulheres trans como sendo mulheres, porque ainda alimentam o pensamento limitante de que o gênero é definido pela condição biológica da pessoa ao nascer. Diga-se de passagem, essa visão é aceita por muitos homens também. Todos esses obstáculos convencem a Raquel de que “na pirâmide de tolerância eu sou a última. Então, eu tenho que ter uma disciplina pra tudo que eu faço, pra tudo que eu sou... muito maior. Porque a vida de uma mulher trans é isso, está por um fio”.

O documentário termina com dois relatos sobre o último ciclo dessa metamorfose feminina: o climatério (carne PASSADA) e a menopausa (carne BEM PASSADA).

Segundo a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do núcleo de medicina sexual do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, a menopausa “é um tabu porque é um fenômeno muito recente se a gente pensar que as mulheres passaram a viver além dos 50 anos não tem muito tempo”. A especialista afirma que até 1900 as mulheres morriam antes de chegar a esse momento em que o corpo experiencia o encerramento de sua capacidade reprodutiva, o que justifica, em parte, o estranhamento sentido pela mulher contemporânea nesse período.

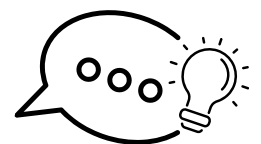
Valquiria inicia o seu relato fazendo um questionamento: “Como que as pessoas não sabem sobre climatério?”. Ela pondera que o corpo não “menopausou” de uma hora pra outra. Ele vai se modificando lentamente através de sinais sutis, como a perda de tônus muscular e o sobrepeso, efeitos diretos da diminuição dos hormônios (estrogênio e progesterona), devido à perda definitiva da atividade folicular ovariana.

Valquiria também faz um alerta sobre o assédio psicológico que algumas mulheres sofrem por parte de alguns profissionais de saúde, que tentam convencê-las a fazer uma histerectomia (parcial ou não) diante da obsolescência dos órgãos reprodutores. Ela pontua: “Muito pelo contrário do que falam, “ah, agora você não tem mais filho, agora você não pode mais reproduzir...”, mas acho que a gente pode entender – nossa, menopausou? QUE MARAVILHA! – É realmente a nova primavera da vida. Dá aquela morrida, né? Fica PASSADA no climatério... depois, menina, fica tudo ÓTIMO!”

O corpo me levou a fazer performance, o corpo me levou a ser atriz, mas não é fácil ser um corpo”. Essa é a fala com que Helena começa o seu relato de resiliência e força na desafiadora aventura de ter nascido mulher em um tempo em que o corpo feminino era castrado em suas “liberdades”. Ela fala da experiência de habitar um corpo que já passou por todas as fases de amadurecimento e ainda se sente potente, “a velhice que eu atravesso não é assim... não me faz ter horror dela”. Em sua fala pode-se notar que os homens ainda têm um olhar preconceituoso quanto ao envelhecer do corpo feminino por ainda pensarem que “quando a mulher entra nessa fase da menopausa ela deixou de ser mulher”.

A cada depoimento, Carne nos provoca questionamentos necessários acerca do universo íntimo feminino e seus conflitos emocionais, psicológicos, físicos e sociais, ao mesmo tempo em que evidencia o muito que ainda precisamos caminhar na direção de uma sociedade mais atenta aos direitos das mulheres e, principalmente, uma sociedade em que o corpo feminino seja visto como um corpo respeitável e livre, independente da forma como se apresente ou da fase em que esteja.

Sugestões para o debate



1. A indústria pornográfica com os contornos que existem hoje, ajuda a alicerçar a cultura de objetificação da mulher?
2. Em que momentos a mulher se sente objetificada e/ou objetifica alguém?
3. O que alimenta a busca por um o corpo ideal dentro da sociedade?
4. O que se pode entender por liberdade do corpo feminino?

Material para consulta complementar

- Artigo: Políticas do olhar: feminismo e cinema em Laura Mulvey
https://www.researchgate.net/publication/250040298_Politicass_do_olhar_feminismo_e_cinema_em_Laura_Mulvey
- Corpo e liberdade: possibilidade, condição, ambiguidade
<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/36669/html>
- Vídeo: Por que só viraliza a violência das pessoas trans?
<https://www.youtube.com/watch?v=pwj1z8E69q0>
- Homofobia e transfobia | Leandro Karnal | Série 'Preconceitos' #4 -
<https://www.youtube.com/watch?v=sXcp2rMHC8o>
- Menopausa: velhice, auto-conhecimento, liberdade e busca por novas realizações
<https://www.youtube.com/watch?v=S5sOiflaTMw>
- O que é gordofobia?
<http://www.comum.vc/conteudo-aberto/o-que-e-gordofobia>
- Helena Ignez conta sobre seus projetos durante a pandemia
<https://www.youtube.com/watch?v=osoOw3mLypA>
- Site: Blog da carne
<https://blogdacarne.com/conheca-as-diferencas-entre-os-pontos-da-carne/>
- Fotografias de costumes brasileiros
<https://artsandculture.google.com/exhibit/fotografias-de-costumes-brasileiros/6QliZ8V-DYQHKg>
- Os rituais de passagem segundo adolescentes
<https://www.scielo.br/j/ape/a/Rfnfx983KNHBzXhtN7Vdkqj/?lang=pt&format=pdf>